Dia 28 — São Vital, Mártir

São Vital, tão célebre em todo o orbe cristão e singularmente na Itália, foi de Milão, de ilustre e antiga família. Alguns o fazem pai dos santos mártires Gervásio e Protásio. O certo é que ele e toda a sua família eram cristãos; mas, por não se lhe haver oferecido ocasião oportuna de declarar-se e de fazer pública profissão de sua fé, contentava-se com assistir, consolar e socorrer os fiéis, servindo a estes de exemplar e modelo sua ajustada vida; e até aos mesmos gentios causava admiração sua honradez e sua bondade.

Havia servido de oficial nos exércitos do imperador e havia-se distinguido muito. Assim pelo grau que obtinha neles como pelo grande papel que fazia na cidade, havia contraído estreita amizade com o cônsul Paulino, inimigo mortal dos cristãos; mas, em meio de sua ojeriza, muitas vezes os havia perdoado pelas súplicas de Vital, cuja intercessão julgava ser mero e simples efeito daquela sua bondade natural que, sem distinção de pessoas, se estendia a todos os infelizes. A favor desta reputação e do grande crédito que tinha, prestou aos cristãos muito importantes serviços: visitava-os de dia nos cárceres e nos calabouços, socorrendo suas necessidades; e de noite saía a visitar e consolar os que estavam escondidos nas cavernas e entre os penhascos.

Tendo Paulino que fazer uma viagem a Ravena, quis que seu amigo Vital o acompanhasse. Era no tempo do maior furor da perseguição; e, parecendo-lhe que sua presença podia ser de tanta utilidade e consolo aos cristãos de Ravena como o havia sido aos de Milão, consentiu em acompanhar Paulino. Ao entrar na cidade teve notícia de que um cristão, médico de profissão, chamado Ursicino, a quem conduziam ao suplício, atemorizado com a vista dos tormentos, das unhas de ferro e do ecúleo, titubeava na fé. Pareceu-lhe que havia chegado a ocasião em que era preciso declarar-se e que tinha estreita obrigação de ir alentar aquele pobre cristão, a quem o medo da morte estava já para precipitar na mais infeliz apostasia. Cheio de zelo, deixa o cônsul arrebatadamente, corre ao lugar do suplício e acha meio vencido Ursicino: rodeava-o uma caterva de pagãos que já quase o tinham decidido a sacrificar aos ídolos. Rompe, atropela, faz-se lugar Vital por meio da multidão; e começa a gritar logo que pode ser ouvido: «Que é isso, Ursicino? Generoso confessor de Cristo, que é isso? No fim do combate te acovardas? Tens a coroa entre as mãos, e por um vão temor queres deixá-la cair delas? Chegaste depois de tantos trabalhos ao fim de tua carreira, e no mesmo instante em que vais triunfar te retiras? Temes meia hora de tormentos e te vais precipitar nas chamas eternas, que são todos os suplícios? É possível que quem soube dar a vida corporal a tantos queira ele mesmo ir por seu pé à morte eterna? Volta a animar tua fé, irmão meu caríssimo, alenta esse pobre espírito; e, cheio de confiança na misericórdia daquele Senhor por cujo amor dás a vida, consuma generosamente teu sacrifício.» Foram tão eficazes estas palavras que, sem vacilar um momento, Ursicino confessou a Cristo com mais valor que nunca e foi coroado com o martírio. Quis Vital fazer-lhe por si mesmo as honras da sepultura; e, feito isto, começou a dispor-se para a coroa que o esperava.

Não podia ignorar o cônsul o que havia passado, havendo sido um lance tão ruidoso. Foi buscá-lo em sua casa e, falando-lhe como amigo, disse-lhe: «Perdeste porventura o juízo? Porque, a menos de estar louco ou de ser tu mesmo cristão, não é possível que fizesses o disparate que fizeste. Que dirá o povo e que pensará o imperador?» — «O imperador, respondeu o santo, pensará que sou cristão; o povo já diz bem claro que o sou, e confesso que me glorio muito de sê-lo. Tu, Paulino, não trates isto de loucura, antes reconhece, como estou seguro de que teu bom juízo e grande capacidade não podem deixar de conhecê-lo, que a maior loucura e a maior insensatez é adorar por deuses uns malvados que não mereciam ser homens. Nem há mais que um Deus, nem pode haver mais; e este único Deus é aquele a quem adoram os cristãos, por cujo amor têm por grande dita o morrer.»

Enquanto falava o santo, estava Paulino cortado e como mudo; por uma parte amava Vital, sumamente prendado de sua bondade, de sua honradez e de seu bom entendimento, e por outra parte lhe fazia muita força seu exemplo e o que acabava de ouvir de sua boca; mas, vencendo a paixão a razão, mandou que o prendessem por ser cristão e que como tal fosse despojado de todos os seus títulos e honras.

Não se pode explicar o gozo de que se viu inundado o coração de nosso santo: foi tão grande que, não cabendo dentro do peito, transbordou pelo semblante. Deu-se a si mesmo mil parabéns quando se viu carregado de cadeias e posto no cárcere com outros muitos cristãos. Sua presença redobrou o valor daqueles generosos mártires, e com suas exortações fazia todos os dias alguma nova conquista. Perdendo o juiz Paulino a esperança de pervertê-lo, mandou que o atormentassem no ecúleo com tanta crueldade que se teve por milagre que saísse vivo daquele tormento. Desconjuntaram-lhe todos os ossos, rasgaram-lhe os lados com unhas aceradas, tão desumanamente que, horrorizados até os mesmos verdugos, não tiveram valor para levar mais adiante sua barbárie. Apenas tinha alento Vital, e lhe sobrava espírito para confessar a fé de Jesus Cristo em meio dos tormentos. Enfurecido o tirano vendo a invencível constância de nosso santo e raivosamente irritado de ver-se vencido, mandou que o conduzissem ao mesmo lugar onde se havia feito a execução de Ursicino; que se erigisse nele um altar; e que, se não queria sacrificar aos deuses do império, fosse enterrado vivo no mesmo sítio do altar. Levaram o santo como em triunfo ao lugar do suplício e, sendo a cada instante maior sua firmeza em confessar a Jesus Cristo, lançaram-no num profundo fosso, onde, coberto de pedras e de terra, foi receber no céu o prêmio devido a sua fidelidade, no dia 27 de abril do ano de 171, segundo Barônio. Logo que expirou nosso santo, entrou o demônio no corpo de um sacerdote de Apolo, que era o que mais havia irritado o juiz contra ele, e o atormentou de maneira que nem de dia nem de noite cessava de gritar: «Atormentas-me, Vital; abrasas-me, Vital»; até que ao sétimo dia, não podendo sofrer mais o fogo que lhe consumia as entranhas, lançou-se a um rio e se afogou.

Há em Ravena uma das igrejas mais magníficas do mundo cristão dedicada a nosso santo e fundada no mesmo sítio em que é tradição ter sido seu glorioso martírio. Conservam-se suas relíquias num magnífico sepulcro, e uma parte delas se venera em Lila, em Bolonha e em Praga.

No mesmo dia é a comemoração de Santa Valéria, consorte de São Vital, que, voltando de Ravena a Milão depois do glorioso martírio de seu marido, foi cruelmente maltratada no caminho por uns camponeses, que a quiseram obrigar a comer das viandas que estavam consagradas aos ídolos;

mas, como respondesse que era cristã e que tinha horror a tudo quanto estivesse dedicado aos deuses falsos, espancaram-na com tanta crueldade que, levada a Milão meio morta, rendeu seu bem-aventurado espírito dois dias depois e é venerada como mártir.

São Prudêncio, Bispo e Confessor

São Prudêncio, um dos bispos célebres que têm brilhado na Igreja da Espanha por sua eminente virtude e particular dom de terminar as discórdias, nasceu em Armentia de Álava, dotado com todas as disposições de natureza e graça que até hoje nos dão a conhecer seu mais expressivo caráter. Seus pais, ilustres por sua nobreza, mas muito mais esclarecidos por sua fé e piedade, procuraram criar o menino segundo o espírito da religião cristã e imprimir desde logo suas máximas em seu terno coração, não perdendo de vista o sólido princípio do santo temor de Deus. Dedicado à carreira das letras, como tinha um engenho penetrante e era grande sua aplicação, fez progressos nada comuns nas ciências, mas os fez ainda maiores nas virtudes. Distinguiu-se sobretudo na caridade para com os pobres e na graça particular de arranjar as diferenças de seus convizinhos, os quais acudiam a ele, sendo ainda muito jovem, para que fosse o árbitro de todas as suas desavenças.

Aceso em vivíssimos desejos de servir a Deus no deserto, apartado dos laços do mundo, aos quinze anos de sua idade ausentou-se de sua pátria, pais e parentes, como outro Abraão; dirigiu-se para o rio Ebro e, descansando a primeira noite desta expedição numa cabana de pastores, empregou-a toda em louvar a Deus e em instruir aqueles homens rústicos nos mistérios da religião. Havendo-se despedido deles na manhã seguinte, dirigiu-se à Serra Branca: hospedou-se a segunda noite num moinho, às margens do Douro, onde ouviu falar com o maior elogio de um eremita, célebre em todo aquele país por sua prodigiosa vida e eminente santidade. Alegre Prudêncio com semelhante notícia, partiu no dia imediato ao amanhecer para o ponto onde lhe haviam dito que se achava a habitação do solitário; mas, vendo que estava na outra parte do rio, cheio de sentimento, implorou o auxílio de Deus, buscando os meios de poder vadeá-lo. Saiu o eremita à porta da caverna para bendizer ao Senhor, segundo tinha por costume, ao sair o sol; e, notando o empenho do jovem, condoído de que se expusesse incautamente a perder-se, deu-lhe vozes para que desistisse daquela temeridade. Mas, apenas ouviu Prudêncio suas palavras, cheio de confiança em Deus, lançou-se sobre as águas, passou-as a pé enxuto e, subindo à gruta com velocidade, prostrou-se aos pés do servo de Deus.

Admirado Saturio (assim se chamava o eremita) daquele grande prodígio que acabava de ver, prostrou-se em terra com o jovem, insistindo ambos com humildade sobre sua respectiva bênção; mas, não podendo vencer a Prudêncio o eremita, levantou-o do chão e, tomando-o da mão, introduziu-o em seu oratório, onde deram juntos graças ao Senhor. Explorou Saturio a vontade do jovem; e, conhecendo pelo exame sua verdadeira vocação, recebeu-o por discípulo. Adiantou-se tanto em pouco tempo no caminho da perfeição que o mesmo Saturio o venerava como a mestre, notando nele, cheio de assombro, os progressos dos mais anciãos anacoretas. Sete anos esteve Prudêncio em companhia daquele venerável eremita, mantendo-se ambos com ervas silvestres e empregando todo o dia e toda a noite em louvores de Deus, altíssimas contemplações e santa

conversação. Ao cabo dos sete anos morreu Saturio e, havendo-o enterrado seu discípulo na mesma caverna, retirou-se dela, deixando a porta da gruta fechada.

Pensando Prudêncio no rumo que tomaria, inspirado de Deus dirigiu-se à cidade de Calahorra, onde com seus sábios conselhos e zelosa pregação reduziu não poucos distraídos da fé ao conhecimento da verdade. Incorporado no clero daquela igreja pelo bispo Sancho, manifestou desde logo o fundo de sua grande sabedoria e eminente virtude, sendo com sua vida exemplar a admiração de toda a cidade. Mas, como à fama de sua santidade e repetidos prodígios concorressem dos povos e castelos vizinhos muitos enfermos para conseguir dele a saúde, não podendo sofrer sua profunda humildade a veneração e aplausos que todas as gentes lhe tributavam, ausentou-se secretamente de Calahorra e passou à cidade de Tarazona. Agregou-se ali ao sacristão daquela igreja para ajudá-lo em seu ministério, contentando-se com semelhante destino aquele que com o tempo havia de ser o mais esclarecido pastor da mesma igreja. Morto o sacristão, concedeu-se-lhe o ofício deste e foi promovido às ordens sagradas, havendo exercido suas funções com tanto zelo e edificação que, havendo falecido o arcediago, nomearam-no em seu lugar. Estava então condecorada esta dignidade com as maiores prerrogativas e gozava das mais amplas faculdades: nosso santo usou delas com proveito dos fiéis, sendo um fiel dispensador das rendas eclesiásticas e obrando em tudo como um zeloso ministro do Senhor.

Quando Prudêncio se achava ocupado nas funções de seu cargo a satisfação de todo o clero e povo por sua exatidão e justificação, ocorreu a morte do bispo de Tarazona; e, havendo inspirado o Espírito Santo a muitos que se fizesse a eleição de prelado no santo, sete dias depois de achar-se vacante aquela cátedra, todos os cidadãos, desde o primeiro até o último, clamaram a uma voz que recebesse Prudêncio o ministério episcopal, porque era o pai dos pobres, o consolo dos aflitos, o alívio dos enfermos e o refúgio de todos. Não pôde resistir à vontade de Deus, que se manifestava bem clara, e, confiado na graça do Senhor que o elegeu, sujeitou seus ombros à pesada carga de tão alto ministério, cujas funções desempenhou por muitos anos, venerado como pai e santo pastor de seu povo, ao qual alimentou com os salutares pastos da doutrina evangélica, sem omitir meio algum que pudesse contribuir ao alívio de todas as suas necessidades, tanto espirituais como temporais.

Ocorreram certas diferenças entre o bispo de Osma e seu clero; e, como Prudêncio tinha uma singular habilidade em pôr a paz entre os inimizados, foi chamado para restabelecê-la entre aquele prelado e seus súditos. Passou a Osma, animado daquele santo zelo que sempre foi o móvel de suas gloriosas ações, e, ao aproximar-se da cidade, sucedeu o prodígio de tocar os sinos por si sós e num tom festivo, até que o santo se prostrou diante do altar para fazer oração. Conseguiu-se o fim desejado por meio deste anjo de paz; mas, ao terceiro dia de sua chegada à dita cidade, havendo-se retirado a descansar depois de haver feito suas acostumadas devoções, foi assaltado de um acidente tão grave que apenas pôde chamar os clérigos que o acompanhavam. Acudiram estes à novidade e, vendo o perigo em que estava, administraram-lhe o viático. Recebeu-o o santo prelado com tanta ternura e devoção que moveu a lágrimas todos os circunstantes, aos quais manifestou a hora de sua morte; e, perguntando-lhe seu arcediago Pelágio onde elegia sepultura, como viveu sempre sujeito em tudo à vontade de Deus, respondeu-lhe: «Pelágio, meu Senhor Jesus Cristo sabe onde meu corpo há de ser sepultado; eu te rogo e mando que, posto meu corpo sobre a mula que costumei montar, lhe dês sepultura onde ela parar.»

Morreu com efeito no dia e hora que predisse, pelos anos de 850; e, havendo-se suscitado uma discórdia entre o clero de Osma e o de Prudêncio sobre a retenção de seu venerável cadáver, para terminar a disputa propôs-lhes Pelágio que fosse daqueles que o pudessem mover com facilidade. Agradou a proposição aos de Osma e, indo em solene procissão aonde estava o féretro, não o puderam mover, ainda que insistiram todo um dia e uma noite no empenho; ficando convencidos por tão visível prova de que não era vontade de Deus que tivesse aquela cidade este tesouro. Livre já o clero de Prudêncio de todo impedimento, mandou pôr o cadáver sobre a mula, conforme havia disposto o santo, e a deixaram marchar sem condutor algum. Caminhou todo o dia o animal e, havendo descansado ao tempo de pôr-se o sol, julgando Pelágio que seria aquele lugar o eleito para o sepulcro, quis depor o cadáver e não pôde consegui-lo. No dia seguinte, antes de sair o sol, voltou a mula a caminhar por lugares escabrosos; e, havendo passado o arroio de Lécia, que se junta em Soria com o rio Douro, começou a subir pela serra encumbrada de Clavijo e, separando-se para a parte direita, onde havia uma caverna, entrando nela, parou e se pôs de joelhos. Depôs então Pelágio o venerável corpo e lhe deu sepultura naquele sítio, onde no sucessivo se fundou uma igreja dedicada a São Vicente, que depois tomou o nome de São Prudêncio; e, havendo sido antigamente convento de cônegos, passou a ser em 1131 mosteiro de monges cistercienses.

Sobre a posse do corpo de São Prudêncio estão discordes entre si os de Nájera e Clavijo, apoiando-se ambas as partes em poderosos documentos. Os de Nájera dizem que suas relíquias foram trasladadas a sua igreja por ordem de dom García, rei de Navarra, no ano 1052, desde cujo tempo se têm mantido na posse delas, e citam Cerebruno, arcebispo de Toledo em 1175, e Asnar e Viviano, bispos de Calahorra em 1246 e 1277, que assim o dão por certo. Os de Clavijo se fundam no diploma do rei dom Ramiro do ano 856, pelo qual, por motivo da vitória que conseguiu dos mouros em Clavijo, fez doação à igreja de São Prudêncio de várias possessões, supondo ali a existência de seu corpo; e nos privilégios de dom Sancho de Navarra, expedidos em 1064 e 1065, pelos quais concedeu ao templo do santo, em um, o mosteiro de Nalda e, em outro, os dízimos do vale de Arnedo. Mas toda esta empenhada controvérsia parece que se pode conciliar concedendo parte considerável do corpo do santo a ambas as igrejas, tomando-se a parte pelo todo, coisa muito frequente nestes casos, segundo diz Barônio falando da trasladação do corpo de Santo Estêvão.

Martirológio Romano

Em Ravena, a festa de São Vital, mártir, pai dos santos Gervásio e Protásio, o qual, por haver recolhido e dado sepultura ao corpo de Santo Ursicino, foi preso pelo consular Paulino, atormentado cruelmente no potro e depois lançado numa cova profunda, onde o cobriram de terra e pedras: com este martírio foi reinar com Jesus Cristo.

Em Milão, Santa Valéria, mártir, consorte de São Vital.

Em Atino, São Marcos, ordenado bispo pelo apóstolo São Pedro, o primeiro que pregou o Evangelho aos povos da Campânia de Roma; alcançou a coroa do martírio na perseguição de Domiciano sob o presidente Máximo.

Em Alexandria, Santa Teodora, virgem, que, recusando sacrificar aos ídolos, foi posta num lugar infame, de onde por um favor especial de Deus a tirou logo um cristão chamado Dídimo, havendo trocado com ela de vestido: pouco tempo depois foram os dois martirizados e coroados juntamente na perseguição de Diocleciano.

No mesmo dia, os santos Afrodísio, Caralipo, Ágape e Eusébio, mártires.

Na Panônia, São Políon, martirizado no tempo do imperador Diocleciano.

Em Prusa, na Bitínia, os santos mártires Patrício, bispo, Acácio, Menandro e Polieno.

Em Tarazona, na Espanha, São Prudêncio, bispo e confessor.

Em Pentima, no Abruzzo, São Pânfilo, bispo de Valva, ilustre por sua caridade para com os pobres e pelo dom de milagres. Seu corpo está em Sulmona.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Vital, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui beati Vitalis martyris tui natalitia colimus, intercessione ejus in tui nominis amore roboremur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Nós vos suplicamos, Senhor todo-poderoso, que nós, que celebramos o nascimento para o céu de vosso bem-aventurado mártir Vital, sejamos por sua intercessão fortalecidos no amor de vosso santo nome. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria, e a mesma do dia 14 [^1].

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se,

> pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Nota

«O livro da Sabedoria está tão cheio dela que o chama Santo Agostinho o livro da Sabedoria cristã. É de um estilo elevado e patético: inspira um profundo respeito a Deus e um grande menosprezo do que no mundo parece mais estimável. Faz um vivo e muito parecido retrato do infeliz estado em que se acharão os maus quando comparecerem ante o tribunal de Deus.»

Reflexões

Estarão em pé os justos com grande constância: Stabunt justi in magna constantia. Neste mundo os maus de ordinário levaram a palma, sobressaíram, brilharam, enquanto os justos viviam abatidos, humilhados numa triste obscuridade. Parece posto em razão que, havendo-se mudado a condição de uns e outros, se mude também de tom e que mudem de lugar. É o mundo a região das paixões: estas reinam nele com fereza e com império; tudo cede ao poder dos mundanos. A virtude, como estrangeira, não pode fazer fortuna; não se entende seu idioma, não se toma gosto a suas máximas, porque são inteiramente contrárias às do mundo; parece que se lhe faz mercê em lembrar-se dela até só para ser assunto de zombaria e de diversão. Faz-se grande troça de sua modéstia, de sua circunspeção, de seu recolhimento, daquela regularidade de costumes, daquela severidade, daquela aspereza de vida. Toda a defesa dos bons se reduz a um religioso silêncio, a uma muda paciência. Nenhum mundano se atreve a voltar por eles. Na verdade, seu mesmo porte é sua melhor apologia; mas esta não se ouve com o tumulto do mundo e com o ruído das paixões. A maior parte dos escolhidos de Deus vive entre o pó e morre na obscuridade, enquanto grande número de libertinos insulta a virtude até o fim da vida; bem que na hora derradeira a maioria lhe faz justiça.

Stabunt justi: mas enfim a cada um há de vir sua vez. Há um tribunal em que os justos hão de ser ouvidos, em que se lhes há de fazer justiça, porque encontram nele um juiz íntegro e imparcial. Advogará por eles não só sua própria consciência, mas também a dos mundanos. Ali se apresentarão com a maior confiança: aqueles homens tão obscuros, tão humilhados e tão tímidos se deixarão ver com desembaraço e com despejo, porque sua religião os autoriza e o mesmo Deus é seu apoio. E que se fizeram aqueles homens tão vãos, aqueles espíritos tão orgulhosos, aquelas damas tão altivas? Apoderou-se deles o medo, cobriram-se de vergonha, seu extravio os encheu de confusão: *Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur.* Ficarão atônitos, pasmados e aturdidos ao ver, ao lembrar-se da felicidade dos santos. Pois quê, aquelas pessoas tão retiradas, aquelas mulheres virtuosas tão desatendidas, aqueles pobres tão esquecidos, aquelas pessoas religiosas que olhávamos como enterradas, aquelas almas devotas de quem fazíamos tão alto desprezo e nos comprazíamos em ridicularizar, aqueles homens de bem a quem o mundo tratava tão mal e que eram a fábula, o assunto de suas conversações: *ecce quomodo computati sunt inter filios Dei;* esses são aqueles que ali estão agregados ao número dos filhos de Deus; esses são aqueles que vemos ali feitos objeto da pública estima e veneração; esses são aqueles cuja herança é o céu, cuja porção é Deus, cuja sorte é a dos santos, *et inter sanctos sors illorum est!* Sim, eles são, *hi sunt:* e esta é a sorte daquele homem consumido de trabalhos, daquele pobre jornaleiro tão maltratado, daquele homem de bem, daquele homem virtuoso oprimido. *Nos insensati.* Qual foi nossa loucura! Desta maneira, cedo ou tarde, se faz justiça à virtude; assim discorrerá algum dia esse jovem estouvado, esse homem sem religião, essa mulher embriagada do espírito do mundo, que teme hoje fazer estas reflexões ou ouvi-las para que não inquietem sua condenável segurança: *Nos insensati.* Confissão cruel a quem espera o fim da vida para fazê-la! Conhecer a imprudência quando pode corrigir-se é prudência verdadeira; mas conhecer o descaminho quando já não pode emendar-se é desesperação.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João, e o mesmo do dia 14 [^2].

João 15,1-7

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum, ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis.

Português: [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

Meditação

Da infinita duração das penas do inferno

Primeiro ponto

Considera que, por terrível que seja a imagem com que nos representamos o inferno, por espantosa que seja a ideia que formamos daquela desgraçada eternidade, tudo quanto podemos conceber é pouco, é quase nada comparado com o que é em si um conjunto, uma reunião, uma complicação de todos os males em supremo grau. Dores sem intermissão, tormentos sem limites, arrependimentos sem medida, duração sem fim, eternidade, infinidade de suplícios: tudo isto se acha no inferno; mas o inferno ainda acrescenta alguma coisa mais terrível, mais espantosa que tudo isto.

São sem dúvida espantosas estas verdades; mas, por terríveis, por espantosas que sejam, enfim são verdades. O rigor, a universalidade, a duração daqueles tormentos é uma coisa incompreensível; mas mais incompreensível é que o pecador possa conciliar esta crença com os pecados que comete.

Ah, que não há valor, dizem alguns, para pensar nesta espantosa eternidade! Convenho nisso: este pensamento espanta os mais resolutos e assusta até os mais inocentes. Mas será a eternidade menos certa e menos terrível porque não se pense nela? Serão menos eternos os tormentos que mereço?

Acrescenta a esta eternidade de suplícios outra eternidade de arrependimentos. Ser um infeliz por necessidade é sorte tristíssima; mas sê-lo por eleição, por seu gosto, por seu antojo, é loucura que não tem outro exemplo senão o dos condenados. Então sente a alma todo o rigor de suas penas; gosta muito devagar toda a sua amargura; a mesma razão serve para aguçar a ponta do dissabor e entrega a alma como em presa aos mais desesperados arrependimentos. Ó Deus, e que suplício!

Padece um condenado, e seu mesmo entendimento lhe serve de tirano. Fixo imutavelmente naquele objeto que foi causa de sua condenação, conhece claríssimamente a nenhuma substância daqueles bens voláteis que o enganaram, a falsa brilhantez daquela fortuna imaginária que o deslumbrou, a peçonha oculta daqueles insípidos deleites que o atosigaram. Conhece, mas de um modo vivíssimo, agudíssimo, todo o ridículo de sua conduta, todos os erros de seus caprichos, toda a vaidade, toda a malignidade de seus desejos. Em vão faz todos os esforços que pode para apartar os olhos e a imaginação destes tristes objetos, cuja vista aumenta a amargura, a dor e a desesperação a seus tormentos; o objeto está fixo, e o pensamento está cravado nele inseparavelmente.

Daqui nascem aqueles remorsos desesperados e eternos. Pude não condenar-me e condenei-me, porque não quis aplicar os meios para evitá-lo. Pude ser ditoso por toda uma eternidade e não o sou, porque não me deu na veneta de praticar os meios conducentes para sê-lo. Pude salvar-me, tive mil vezes o pensamento e até cheguei a formar a resolução de dedicar-me a isto, e não me dediquei. Fulano e fulana tinham acaso mais interesse que eu em não condenar-se? Tiveram mais meios que eu para evitar o inferno? Tiveram menos estorvos que eu para ser bons? O preço do céu não se pôs mais alto para mim que para eles; eles conseguiram sua salvação, e eu não consegui a minha, e eu me condenei!

Ah, e se eu houvesse feito estas reflexões quando era tempo de fazê-las e de aproveitar-me delas! Mas ai de mim, que já as fiz, e até tive muito presente o eterno arrependimento que me havia de custar o havê-las feito tão mal e tão sem proveito: já chegou este arrependimento, já o padeço e o padecerei por toda a eternidade. Considera bem toda a amargura, toda a desesperação desta raiva. Ó meu Deus, e que terrível é tua vingança, mas ao mesmo tempo quão justa! E que fundo de malícia há em mim!

Segundo ponto

Considera que não são o menor tormento do inferno as reflexões que se vê obrigado a fazer um infeliz condenado por toda a eternidade.

Eu, dirá ele a si mesmo, insensato por dissolução, ímpio por capricho, por condescendência e por humor, tinha lástima e até ria dos que eram ajuizados e prudentes porque pensavam na eternidade. Quantas vezes zombei de sua reforma, de seus costumes arranjados, de sua delicadeza de consciência! Eu me ria de que não quisessem ser o que eu era; mas que daria eu agora por haver sido o que eles foram! Prezava-me de espírito forte, aparentando não crer nada; agora recebo a paga de minha incredulidade. Sua herança é o céu, o inferno é a minha; eles são santos, eu condenado; e pude ser santo como eles; e eternamente me lembrarei de que pude sê-lo; e eternamente estarei pensando que, se não o fui, foi porque não quis. Pude ser santo; ah, e se agora o fosse! Mas não o sou e já não posso sê-lo, e eternamente me estará devorando o arrependimento de não havê-lo sido.

Estar eternamente pensando no sangue e na morte do Redentor, na eficácia dos sacramentos, na multidão de auxílios, na facilidade de tantos meios; e estar pensando nisso não mais que para ter

continuamente presente o bom uso que deveria haver feito deles, o muito que puderam aproveitar-me e o infinito que perdi por haver abusado livre e voluntariamente destes bens: que dor mais acerba, que pesar mais agudo e penetrante!

Meu Deus, que tormento tão cruel é um arrependimento eterno! É, falando com propriedade, o tormento do espírito e do coração, tudo junto. Mas que dolorosa impressão faz na alma a triste memória da breve e quase imperceptível duração daqueles vãos e fugazes deleites que a sepultaram neste abismo de desditas! Ai de mim, e que foi uma vida de oitenta anos comparada com esta espantosa eternidade! Menos, infinitamente menos que um ponto indivisível comparado com toda a vasta extensão do universo.

Daqui nascerá aquela eternidade de arrependimentos, acompanhados de um ódio furioso contra sua própria liberdade, de que usou tão mal; de uma acesa cólera contra a baixeza daquelas paixões de que foi vítima infeliz; de uma viva e aguda dor pelos tormentos que está padecendo e foi tão digno de padecer.

Se pudesse um condenado esquecer por alguns momentos o arrependimento que o despedaça, esse suplício menos teria; mas tudo tem presente na memória, e o coração padece continuamente nestas reflexões o mais horrível suplício. Considera bem quanto o penetrarão estas amargas lembranças.

Por não desagradar a meia dúzia de homens ociosos, de homens desacreditados, sem mérito e sem honra, desagradei a Deus, e eu me condenei!

Por dar gosto a quatro libertinos, tendo mil motivos para desprezá-los, desobedeci, desagradei a meu Deus, a quem tinha indispensável obrigação de agradar, e eu me condenei!

Por não desgostar uns amigos dissolutos, a quem devia envergonhar-me até de olhar o rosto, pois nunca podia esperar deles coisa boa, incorri na desgraça de Deus, e eu me condenei!

Por deixar muitos bens a meus filhos, que haviam de fazer mau uso deles, sacrifiquei minha salvação, e eu me condenei!

Por conseguir um vão título de honra, que se sepultou comigo, perdi o céu, tudo perdi, e eu me condenei! Enfim, por algumas horas de diversão e de insípidos deleites que solicitei por capricho, por condescendência, por respeitos humanos, por comprazer aos demais, sacrifiquei minha eterna felicidade, perdi minha alma, e eu me condenei! Aquela pessoa tão modesta, tão recolhida, tão mortificada se salvou, e eu me condenei! Aquele parente, aquele amigo, aquela irmã religiosa estão agora no céu, a glória é sua herança, pude ter o mesmo destino, e eu me condenei! Assim discorre, assim fala, assim se arrepende inutilmente um condenado no inferno. Quantos dos que estão fazendo esta meditação falarão algum dia da mesma maneira! Não permitais, Senhor, que me suceda a mim esta desgraça; e, pois me dais tempo para prevenir antecipadamente estes arrependimentos, dai-me graça para evitá-los.

Jaculatórias

> *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam.* Sl 50.

Tende, Deus meu, misericórdia de mim por vossa infinita misericórdia.

> *Adjuva me, Domine Deus meus: salvum me fac secundum misericordiam tuam.* Sl 108.

Ajudai-me, Senhor Deus meu, e por vossa grande misericórdia salvai-me.

Propósitos

1. Crer que há uma eternidade infeliz e não temê-la é impiedade; temê-la e não pensar continuamente nela é loucura; pensar nela e não converter-se é sinal visível de reprovação. Coisa estranha! Só o pensar nesta eternidade estremece, e para que não nos assuste afastamos dela o pensamento.

Pelo que toca a ti, procura tê-la sempre muito presente; cuida de que se passem poucos dias sem pensar na desdita daqueles que, sepultados nesta horrível eternidade, não têm esperança de lograr jamais o mais mínimo alívio em seus tormentos. Quantos daqueles mesmos a quem tu sucedeste nos empregos, nas honras, nos morgados, nas casas estão já perdidos nesta espantosa eternidade! Faze-te familiares estas reflexões, porque todas elas são muito salutares.

2. Não deites em esquecimento este santo costume. Sempre que padeças algum acidente, alguma dor, como de gota, de pedra, de dentes etc., faze esta consideração: que tormento seria para mim sofrer esta dor por um ano, por seis anos, por vinte e cinco anos, sem o menor alívio, sem a menor trégua! Uma cólica viva e uma ciática aguda de dia e de noite, sem repouso, sem descanso e por trinta anos! Ó Deus, e que tormento seria estar numa cama sem poder voltar-se nem sequer mover-se por espaço de trinta anos! Tormento insofrível: pois que será padecer todas estas dores juntas, todas a um tempo, todas complicadas umas com outras e todas por uma eternidade! Poucos exercícios há mais úteis; poucos que se possam praticar com mais facilidade e poucos de que se possa tirar maior proveito.

[^1]: O original remete à «pág. 303» da edição consultada; a epístola é Sb 5,1-5, a mesma do dia 14. [^2]: O original remete à «pág. 309»; o evangelho é Jo 15,1-7, o mesmo do dia 14.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:35 by Admin

Updated 20 November 2026 20:47:35 by Admin